

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA.

O Monumento de Mafra (excerptos) pelo sr. J. C. GOMES.....	Pag. 177
Descripção da antiga e monumental cidade de Roma, (continuação) pelo sr. P. DA SILVA.....	» 181

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Corvaceiras — pelo Sr. PEDRO AUGUSTO FERREIRA.....	» 182
Singular descobrimento e util advertencia, pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 184
Resumo elementar de Archeologia Christã (continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 185
Explicação da estampa n.º 94, pelo Sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 191
Noticiario.....	» 191

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O MONUMENTO DE MAFRA

Excerptos

(Concluido do numero antecedente)

Contém aquelle livro trinta e duas escripturas lavradas pelo tabellião de Mafra, Martinho Roussado, outorgando em todas, como comprador, pela parte da fazenda real, o doutor desembargador Eusebio Tavares de Sequeira.

A primeira escriptura foi celebrada em 17 de outubro de 1747; trata da compra de uma arrotêa, na Portella da villa, a José de Souza Mendes por 5\$500 réis — Na 2.ª, da mesma data, outorga a irmandade das bemditas almas da freguezia do Gradil a venda de uma terra na Feteira, por 25\$000 réis — Na 3.ª, é outorgante vendedor José Soares da Costa, de Lisboa, de um tojal no Carido, por 16\$000 réis — A 4.ª tem a data de 19 do mesmo mez; n'ella outorga a irmandade de N. Senhora do Carmo, da Murgeira, a venda de um cerrado na Fonte dos sapos, por 90\$000 réis — Na 5.ª, datada de 20, Matheus João vende uma casa terrea, na Murgeira, por 300\$600 réis — Na 6.ª, Domingos Franco vende um cerrado e um moinho de vento, na Murgeira, por 162\$000 réis — A 7.ª é datada de 23; n'ella outorga Izabel Maria a venda do casal da Chinquinha, que se compunha de casas,

terras e mattos, por 700\$000 réis — Na 8.ª, Silvestre da Silva, vende um matto, denominado o «Chamiço», por 30\$000 réis — A 9.ª, datada de 26, trata da venda de uma casa terrea, na Murgeira, pertencente a Paschoal da Silva, por réis 65\$000 — A 10.ª, trata da venda que faz Antonio da Silva, de Lisboa, de dois cerrados, casas e pateo, na Murgeira por 137\$000 réis — Na 11.ª, datada de 9 de janeiro de 1748, outorga Antonio da Silveira a venda de uma vinha por 182\$150 réis — Na 12.ª, Manuel Correia vende uma terra, matto e tojal, á casa d'Agua, na Vela de baixo, por 93\$000 réis. — Na 13.ª, Francisco Jorge vende um cerrado e casas terreas, nos limites da Murgeira, por 80\$000 réis — Na 14.ª, Estevam Domingues outorga a venda de uma terra á Casa d'Agua, pela quantia de 10\$000 réis — A 15.ª, datada de 11 do referido mez, trata da venda feita por Domingos da Silva, de um cerrado e terra juntos á real obra, pela quantia de 246\$000 réis — A 16.ª, datada de 12, trata da venda de diversas terras, situadas na Vela de baixo, pertencentes a Antonio Francisco, pela quantia de 754\$000 réis — Na 17.ª, Manuel Duarte outorga a venda de um cerrado e casas na Murgeira, por 235\$000 réis — Na 18.ª, o dr. Francisco Monteiro da Silva outorga a venda de uma terra, no Valle do Rigo, por 38\$000 réis — A 19.ª consta da venda de uma casa

de lagar e bemfeitorias, pertencente a Manoel Gomes, da Vela, por 103\$000 réis — Na 20.^a, Eulalia João e filhos outorgam na venda de terra e matto, na Murteira, por 115\$000 réis — A 21.^a, com data de 15 do referido janeiro, trata da venda feita por Antonio de Oliveira, de casas e terra na Tojeira, por 99\$200 réis — Na 22.^a, Thomazia Gomes, viuva, e outros, outorgam na venda do casal da Vela de baixo, composto de casas, arribanas, terras e mattos, pela quantia de 396\$000 réis — A 23.^a, datada de 16, trata da venda de uma terra no Codeçal, pertencente a Domingos Francisco, pela quantia de 76\$800 réis — Na 24.^a, Pedro Paulo da Silveira outorga a venda de uma vinha, terra e cerrado, no sitio da real obra, por 193\$200 réis — Na 25.^a, D. Maria Clara de Noronha vende um tojal no sitio do Pombal, por 101\$000 réis — Na 26.^a, datada de 23, D. Rosa Maria de Jesus e irmãs, de Lisboa, outorgam na venda de um cerrado, tres vinhas e um vimal no sitio da Vela e Quinta nova, por 323\$600 réis — A 27.^a, com data de 24, trata da venda que faz o padre Francisco Gonçalves de um casal no sitio da Vela, composto de casas, terras e mattos, pela quantia de 853\$400 réis — Na 28.^a, com data de 25, Antonio Gomes outorga a venda de duas terras no Almargem, limites do lugar da Murgeira, por 112\$000 réis — Na 29.^a, o visconde de Villa Nova da Cerveira¹ outorga, por seu procurador o padre José de Mattos, na venda de umas casas e diversas propriedades rusticas, no casal do Carido, por 274\$150 réis — Na 30.^a, Antonio Leitão, na qualidade de procurador da igreja de Santa Maria do Castello de Torres Vedras, outorga na venda de diversas propriedades rusticas, situadas na Vela, por 508\$000 réis — Na 31.^a, datada de 1 de fevereiro de 1748, Antonio Tavora Henrique de Foyos outorga a venda do Casal do Murgeiro de cima, do casalinho e da matta da Joaneira, por 6.600\$000 réis — Na 32.^a, Adrião Pereira, na qualidade de procurador da igreja de Ponte do Rol, outorga na venda e subrogação de quatro terras nos limites do lugar da Murgeira, no valor de 166\$000 réis.

Seria impertinente e fastidioso dar traslados completos das escripturas, e mesmo de muita difficuldade, porque a letra é má, e a tinta está tão desbotada, que em partes não se pode perceber; todavia, daremos na integra o cabeçalho de um titulo, o quanto basta para se conhecer da redacção de todos, e bem como o decreto que concede poderes ao doutor Eusebio Tavares de Sequeira.

« Em nome de Deus — Amen — Saibão quantos este publico instrumento de Carta de venda, quita-

ção e obrigação, ou como em direito melhor lugar haja, e mais firme seja, virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos quarenta e sete, aos do mez de do dito anno, n'esta villa de Mafra, em pousadas do Doutor Desembargador Eusebio Tavares de Sequeira, Corregedor do Bairro da Mouraria na cidade de Lisboa, onde eu tabellião ao diante nomeado vim, sendo ahi presentes partes a saber, de uma o dito Dr. Desembargador, em nome do Muito Alto e sempre Poderoso Principe El-Rei Dom João Quinto, Nosso Senhor, em virtude do poder que para isso lhe era conferido pelo dito Senhor, em seu Real Decreto, assignado por sua Real Mão, que adiante será trasladado; e d'outra parte estavam . . . — etc. »

Segue-se o contracto e respectivas declarações; entre esta, dizem os outorgantes vendedores que estavam recebendo renditos dos valores das propriedades expropriadas.

Copia do decreto:

« Por quanto, com a obra do convento de Nossa Senhora e Santo Antonio junto a Mafra, cerca do mesmo e tapada, que na visinhança d'elle mandei fazer, se tem occupado muitas terras, as quaes e os directos senhorios e foros d'ellas se achão avaliadas de Ordem Minha, para se comprarem por seu justo preço, e me serem presentes justas causas que ha para não precederem, antes de ajustadas as compras, as solemnidades que de direito se requerem para alheação d'aquellas que consta serem d'egrejas, morgados ou capellas, Hey por bem e Mando se fação as escripturas das referidas compras pelas avaliações que se achão feitas, pondo-se o preço das que não forem livres em deposito publico a que pertencer, e sendo a compra dos prazos tres laudemios, para tudo se empregar em bens livres, que fiquem subrogadas em lugar das mesmas propriedades com a natureza e encargos d'ellas, ficando as que se comprão em tudo livres, sem embargo de quaesquer leis ou clausulas das instituições em contrario, que por esta vez sómente Hei para o dito effeito por revogadas; e o preço das propriedades livres se porá em deposito particular para que, corridos editos na forma do estylo, se julgarem livres, e entregar o preço aos vendedores; e por que algumas das ditas terras occupadas pertencem ao fisco Real d'esta cidade, Hey por bem approvar a applicação que d'ellas se fez com a dita occupação, como tambem sou servido approvar os pagamentos em materiaes e pedaços de terra que ficarão fora da demarcação da tapada, e para fazer os sobreditos contractos, outorgar e assignar escri-

¹ Assignava-se «Bisconde». Diz-se que D. João V censurára aquelle fidalgo por elle se assignar por aquella fórmula, e que elle se desculpara, dizendo que era: — *bitium patria*.

pturas das sobreditas compras, concêdo ao Desembargador Eusebio Tavares de Sequeira todos os poderes necessarios, e por estar certificado que d'estas compras feitas para Meu Real Serviço se não deve ciza, e quando se devesse não pertencia aos contractadores rendeiros d'ellas, mas só ao Meu Thesouro e Camara Real, na forma do capitulo duzentos e vinte cinco do Regimento de Fazenda, Hey por bem que estas compras não se manifestem aos Juizes e Officiaes das cizas. nem se encorporem nas escripturas certidões d'ellas, sem embargo da Ordenação, livro primeiro, titulo setenta e oito, paragrapho quatorze, que o requer, a qual Hey, outro sim esta vez por derogada; e para que a todo o tempo conste das fazendas que se tomão para esta obra, Hey por bem que o dito Desembargador Eusebio Tavares de Sequeira as reduza a tombo, com a clausula necessaria — Lisboa cinco de julho de mil setecentos quarenta e sete — Rey ».

Ora, que todas essas propriedades constituem a cerca e a tapada, e só para isso foram destinadas, é incontestavel; as primeiras expropriações, como dissemos, tinham sido unicamente para o convento, conforme o primitivo intuito, o que ainda se confirma por fr. Claudio — Diz este: ¹

«Dêo-se principio á obra com todo o calor, desvelando-se os operarios d'ella á competencia em satisfazer as suas obrigações para dar gosto ao seu Soberano.

«Quiz Antonio Rebêlo da Fonseca mostrar que não faltava á confiança que o dito Senhor fazia do seu zelo e cuidado, e assim mandou logo murar uma grande distancia de terra para cêrca do convento, e n'ella plantar em bem repartidos canteiros, com dilatadas ruas, todo o genero de arvores silvestres, que fez conduzir de varias partes do Reino, adornando as principaes ruas, umas de azareiros, outras de Buxos com alecrim entresachados, outras de roseiras, e plantar vides para parreiras, em toda a sua circumferencia. Mandou tambem fazer um dilatado pomar das fructas mais singulares deputando quantidade de homens para tratarem do seu cultivo. Já estas novas plantas começávão com os seus fructos a desempenhar o trabalho dos agricultores, quando se variou na maior parte o sitio deputado para o convento, tendo já aberto alguns alicerces que não servirão, dilatando-o mais para a parte onde estavam os pomares, e então se frustrou em muita parte este trabalho, e ainda o da cerca se arrazou, por ser necessario dar por ella serventia para a continuação das obras.

«Esta mudança de sitio e extensão de planta,

para se augmentar o numero das cellas de oitenta para trezentos frades, foi tão intempestiva que augmentou trabalhos e dispendios sem explicação, pois como não cabião no sitio que se tinha destinado, e a egreja estava quasi concluida, foi necessario demolir e arrasar um monte para a parte do sul, fundado em uma rocha de tão má qualidade de pedra que tendo, em quanto, mettida no centro da terra, muita resistencia ao ferro, a tinha tambem ao fogo, a cuja violencia a desfazião, que luzia muito pouco o trabalho, dando-se um dia por outro mil tiros, em que se gastavão trinta arrobas de polvora, notando-se outra malignidade, que posta fóra da terra em breve tempo se desfazia em saibro, de sorte que não tinha utilidade para a obra. «Continúa ainda fr. Claudio ¹ «Tinbão-se principiado a abrir os alicerces do convento em setembro do anno de 1728, e se hião levantando as paredes com tanta lentidão, que n'ellas se vião trabalhar poucos mais operarios do que os que até este tempo se occupávão na egreja.

«Com esta nova resolução de El-Rei se começaram despedir ordens em junho de 1729 a todos os Ministros das provincias do reino para que fizessem vir para Mafra todos os operarios que se podessem haver de carpinteiros, pedreiros e trabalhadores. Chegãrão estas ordens, e forão tão mal interpretadas que indifferentemente se obrigãrão a vir com os uteis os incapazes de trabalho, sem advertir que nem a piedade de um Monarcha o podia assim ordenar, nem isto era conveniente á sua Real Fazenda e adiantamento da obra; por este motivo se chegarão a contar em Mafra, juntos perto de cincoenta mil homens; mas como na Vedoria Geral se despedião logo os que se julgavão inuteis, se não pode averiguar, com certeza, a gente que effectivamente trabalhava na obra; porém só a lista de junho até outubro de 1730, constava de quarenta e cinco mil pessoas que no serviço d'esta Real obra se achava matriculada.»

Todo este movimento e acceleração dos trabalhos tinham por fim o poder effectuar-se no dia 22 de outubro de 1730, anniversario natalicio de el-rei, a sagração do templo — acto religioso que, segundo o ritual romano, só pode celebrar-se ao domingo. — Esta coincidencia de dias, em 1730, só muito tarde poderia acontecer, e D. João V não queria esperar; o seu 41.º anniversario seria memoravel.

«Não obstante, diz o chronista: — Nem a multidão dos operarios com todos os materiaes promptos, nem a muita diligencia dos que tinham a obra a seu cuidado a poderão adiantar tanto quanto El-Rei o premeditava, por que não cabia nos termos da possibilidade poder, sem detrimento da sua segu-

¹ Gab. Hist. Tom. VIII. Cap. XI.

¹ Gab. Hist. — Tom. VIII

rança, concluir-se um tão grande edificio no decurso de dois annos, que é o que mediava entre o tempo que se dêo principio ao convento, e o dia que estava destinado para a sagração da Egreja. O que mais se poude fazer foi acabar-se a Egreja, menos o seu zimbório, e algumas cousas pertencentes á sua ultima perfeição.

«Do convento se via a quadra com os dois lanços do norte e poente, em meia altura, com duas ordens de cellas acabadas, que faziam o numero de quarenta, estando destinado para duzentas setenta e trez, como do facto tem hoje, contados trinta e seis que olhão para a parte de fóra; os outros dois lanços pouco mais se via n'elles do que os portaes do primeiro andar das cellas terreas; tambem estava acabado o refeitório e a casa de *profundis*, se bem que na mesma fôrma que a sacristia, e pela mesma razão se lhe poz outro semelhante adorno de panno de brim. Estava tambem em forma de poder servir a cosinha, e na sua continuação, encostado ao dormitório da parte do norte, huma quantidade de casas até ao segundo andar, sobre as quaes se havião ainda de levantar outros dois.»

Por tudo quanto colligimos, se prova que o traçado primitivo para o edificio de Mafra não era tão vasto como actualmente se encontra. Quaes os motivos que levaram D. João V a alterar o plano, e augmentar o convento para alojar trezentos frades, em lugar de oitenta como premeditára, não diz o chronista; mas foi tão intempestivo — diz elle — o novo plano, que causou grandes embarços. Fazem-se importantes expropriações de terrenos, destroe-se a cerca já plantada, expedem-se ordens ás auctoridades para que fizessem ir para Mafra todos os operarios que podessem haver, pretende-se no curto espaço de dois annos ter concluido o novo projecto — impossivel —

Tudo quanto fr. Claudio refere estar prompto, ou quasi concluido, no dia 22 de outubro de 1730 acha-se incluido no traço primitivo. O que estava em continuação, e n'aquelle dia muito atrasado, pertencia ao novo projecto que embarçou, como não podia deixar de ser, o acabamento de muitas peças do plano primordial, no que se consumiram ainda alguns annos de trabalho, que foi dado por arrematação, como nos diz o mesmo chronista — ajustando-se o custo de cada braço de parede, por lanços, a cargo de nove dos principaes mestres; e em lanço á parte se arrematou o acabamento do zimbório por 400 mil cruzados, com a condição de se concluir em tres annos ¹ Consignou-se para toda a obra a quantia mensal de 50 mil cruzados que

era paga com toda a pontualidade, fornecendo-se mais aos arrematantes todos os utensilios e ferramentas. Por essa occasião, foram chamadas, por editaes affixados em todas as provincias do reino, as pessoas a quem se devesse alguma cousa de trabalho nas obras de Mafra para se lhes pagar; effectivamente pagou-se a todas que apresentaram seus documentos na Vedoria.

Mais tarde, fizeram-se ainda outras arrematações para construcção do muro da tapada, como consta das escripturas de sociedade lavradas nas notas do tabellião de Mafra, Martinho Roussado; o conhecimento das quaes devemos tambem ao favor do sr. José Rodrigues Soares, actual tabellião na mesma villa, em cujo cartorio se acham.

Na primeira escriptura datada de 7 de agosto de 1744, Felicio Nunes Pereira, e Gregorio Coelho declaram ter arrematado na praça das reaes obras dois lanços de muro da tapada ou cerca grande — elle Felicio o lanço do regato do casal do Cuco até á Murgeira, pelo preço de 2\$600 réis a braça; e Gregorio o lanço do Codeçal ao Telhadoiro pelo preço de 2\$750 réis igual medida, dando sociedade, para todos os effeitos, a Simão Coelho, Antonio de Souza, e Manoel Heytor, segundo as condições estipuladas nos autos de arrematação; calculavam os seus jornaes, em dias uteis a 500 réis, e obrigavam-se a repartir, a final, os lucros entre todos.

Na segunda, datada de 21 do mesmo agosto, Bento Ferreira declara ter arrematado o lanço do muro, que vae do sitio da Brunheira até ao Outeiro do Val da Guarda, pelo preço de 2\$800 réis a braça, e dá sociedade a Rodrigo da Silva, a Antonio Alves, e a Luiz Gonsalves, calculando os seus jornaes a 400 réis, e estabelecendo a condição de dividirem, a final, os lucros entre todos os associados.

Na terceira, com data de 22 do mesmo mez, declara Luiz da Silva que, tendo arrematado o lanço do muro desde o torreão do norte até ao rio do Cuco, pelo preço de 2\$700 réis a braça, dá sociedade, segundo as condições estipuladas nos respectivos autos, a João da Silva e Thomaz Francisco, estabelecendo os seus jornaes diarios a 350 réis, e a clausula de dividirem, afinal, os lucros entre si.

É para sentir que não existam documentos sufficientes que muito poderiam elucidar alguns pontos duvidosos, erroneos mesmo, á cerca de uma edificação que conta, apenas, 160 annos de concluida.

Pela nossa parte aproveitamos o que podemos obter e na planta junta mostra-se o traçado primitivo, descripto pelas linhas **A**, **B**, **C**, **a**, **b**. As linhas **D** fechadas pela linha **E** são o addicionamento ao plano primordial — Assim, temos:

A frente do edificio — **B**, torreões — **C**, faces lateraes, **N. S.** — **a**, extremidades da edificação que certamente seriam ornadas com um corpo ana-

¹ Este trabalho foi começado em outubro de 1733, e acabado em setembro de 1735.

logo aos torreões **B**, occupando o espaço até á linha **B**, que era a frente do convento. As linhas **D**, fechadas pelo traço geral **E**, são o addicionamento ao primeiro plano.

Era, pois, n'esse espaço, vasio até 1728, que Antonio R. da Fonseca tinha plantado a cerca e os pomares, destruidos então para se alargar o convento, sendo necessario, como diz fr. Claudio, arrasar a montanha que fica ao lado do sul.

Parece-nos — nem era outro o nosso intento — ter demonstrado que o primeiro pensamento para a construcção do monumento de Mafra não determinava o colosso existente: e que foi mais tarde — dez annos depois dos primeiros trabalhos — que tal idéa occorreu a D. João V.

O s c i o
J. C. GOMES.

DESCRIPÇÃO DA ANTIGA E MONUMENTAL CIDADE DE ROMA

(Continuado do numero antecedente)

Notaremos, pois, os principaes monumentos que possuia a antiga Roma, e as reliquias pertencentes á sua arte monumental.

No *Campidoglio* existem 22 columnas de granito, pertencentes ao antigo portico do templo de Jupiter Capitolino. Sylla as mandou buscar ao celebre templo d'Olympio, edificado perto de Piza, onde se faziam os afamados jogos, o que deu origem a contar-se as épocas por olympiadas, correspondendo 25 a um seculo, pois que cada olympiada comprehendia 4 annos. A magnificencia do templo de Jupiter Capitolino em Roma, brilhava pelo seu triple peristylo, pelo seu telhado de bronze, pelas suas numerosas estatuas e coroas de ouro. Os romanos ligavam á sua conservação a idéa da salvação do imperio. Os triumphadores não subiam os 100 degraus d'este templo senão na attitude a mais humilde. D'esta elevação abrange se com a vista, ao mesmo tempo, toda a antiga e moderna Roma. No estreito valle que separa o Monte Palatino, se estendia o Forum romano, esse Forum onde se decidiam antigamente os destinos do mundo. A contemplação da cidade de Roma n'este ponto, produz o effeito da mais proveitosa leitura, pois o livro da antiguidade estampado sobre os seus monumentos está sempre aberto e basta olhar para elle para instruir. N'esta cidade, sempre e diversamente senhora do mundo, cada bairro corresponde ás suas differentes phases politicas: assim Roma do tempo dos seus reis se estendia-se sobre o Aventino; Roma republicana occupava o Capitolio; Roma dos imperadores dominava o Palatino.

Fitando a vista sobre as numerosas columnas, ainda erguidas no Forum e nos arredores, vendo-se esses obeliscos, esses templos, esses porticos, esses triumphos, parecem ainda representar as gerações da antiga Roma. Quantos nomes venerandos não recordam á posteridade esses monumentos ou despertam a nossa maior execração!

Á entrada do Capitolio do lado da via sagrada, rua que conduzia ao Capitolio, na direcção de Oeste a Leste e pela qual os triumphadores se encaminhavam ao templo de Jupiter, está collocado o grandioso e massiço Arco de Septimo Severo, que o senado e o povo fez levantar em sua gloria e de seus filhos Caracala e Geta. O nome de Geta foi tirado depois da sua morte pelo seu barbaro irmão, que se lisongeara talvez, por esta maneira, fazer esquecer este assassinato na memoria dos homens.

Este arco foi construido para commemorar as victorias de Septimo Severo sobre os Parthas; os baixos relevos representam os prisioneiros d'esta nação e o imperador que os romanos saudam com aclamação. Estas esculturas tem pouco merecimento, já annunciam a decadencia da arte. Este arco é construido de marmore branco, tem tres portas e bellas columnas com estrias da Ordem corinthia, a que foi mais preferida na arte monumental romana. A face principal do monumento é ornada de tropheus militares; porém o que existe mais completo são duas Victorias ou figuras da Fama aladas, collocadas no nascimento das archivoltas. A abobada do arco está dividida em caixotões cheios de florões. Sobre este arco havia antigamente um carro triumphal puchado por seis cavallos de frente, tendo as estatuas do imperador e seus dois filhos, Quatro soldados romanos, dois a pé e dois a cavallo acompanhavam o carro.

O famoso templo levantado por ordem do Senado á memoria de Antoniano e de Faustina sua esposa, no anno de 168, mostra qual era a magnificencia e a distribuição dos templos antigos romanos. O seu portico formado de 8 columnas de marmore acinzentado da Ordem corinthia, sustenta uma cornija de uma magnificencia extraordinaria. As paredes d'este templo eram forradas com o bello marmore de Paros, nome da cidade principal de uma ilha do archipelago grego entre Naxos e Delos, que possui os marmores mais bellos do mundo, principalmente do monte Marpesse, conquistada pela republica romana no tempo de Pompêo. O nome do virtuoso imperador a quem o templo foi dedicado, ainda se lê no frontão d'este monumento.

Outro monumento de grande importancia artistica é o magestoso templo da Paz que Vespasiano levantou depois de ter concluido a guerra da Judéa no anno 75. Era dos monumentos religiosos mais vastos e sumptuosos da antiga Roma; artistas os

mais habeis da Grecia o tinham ornado com diversos assumptos, entre os quaes a Venus que ahi se admirava, era considerada uma maravilha. Os cidadãos confiaram a este templo a guarda de suas riquezas, e Vespasiano depositou ahi os despojos de Jerusalem; finalmente serviu durante um seculo de thesouro publico.

Julga-se que n'essa época um incendio o destruiu inteiramente no reinado de Commodo; sendo as tres formidaveis arcadas que ainda existem, que formavam um dos lados d'este soberbo edificio. Uma columna de marmore branco de um diametro extraordinario que está presentemente collocada em frente da egreja de Santa Maria Maior, pertencia á grande nave do templo da Paz. Um tóro das mesmas columnas foi applicado no grupo de Alexandre Farnesio com a Victoria.

Estas ruínas fazem parte tambem da basilica construida por Constantino, depois da victoria alcançada sobre Maxense, na era de 312, tendo este general morrido afogado, quando fugiu por ter abtido a ponte Milvius, presentemente ponte de Moli, sobre o Tibre, a 2 kilometros de Roma. Poslo que fosse esta basilica edificada no mesmo lugar do templo da Paz, mostram todavia as suas formidaveis ruínas a magnificencia primitiva d'este antigo monumento.

O arco erigido á memoria de Titus, situado na extremidade do Forum, que lhe foi votado depois da sua morte pelo Senado e o Povo, em memoria do triumpho que obteu, sendo o mais glorioso dos trezentos que os romanos haviam antes alcançado; tambem é digno da nossa admiração, principalmente pelos dois baixos relevos, que representam Titus sobre um carro triumphal, conduzido pela figura allegorica da Patria; o outro, composto de soldados judeus e prisioneiros, a meza, o tocheiro d'ouro com 7 braças e os preciosos despojos do Templo de Jerusalem, são as melhores esculpturas romanas n'este genero. Ha uma cousa notavel: os edificios os mais bem conservados em Roma, o Pantheão, o Colyseu e o Arco de Titus são monumentos que se ligam á historia da religião christã.

A superficie occupada pelo Forum era de 230 metros de comprimento e 80 de largura: a sua

direcção não se afastava muito do norte ao sul, fazendo um angulo quasi recto com a Via Sagrada, que do Capitolio conduzia ao Colyseu. Dyonisio Halicarnassio demonstra que Romulus e Tatius, depois de haverem cortado a floresta que se estendia na base do Capitolio, altearam o terreno que as aguas provenientes das collinas faziam pantanoso, sendo escolhido aquelle logar para a construcção do Forum.

Sem duvida que os edificios de diferentes estylos de architectura levantados nas épocas successivas, fizeram esta praça muito irregular: e posto que não existam hoje mais que vestigios informes de todos esses monumentos, todavia auxiliado com as investigações de sabios archeologos podemos elucidar a este respeito com mais particularidade.

O monumento do primeiro plano á esquerda da Praça, representava uma parte dos edificios do Palatino, pertencentes aos imperadores; mais abaixo era o templo circular de Vesta. O templo de Castor e Pollux estava situado immediatamente por baixo, ficando dominado pelo Jupiter Ferreiro e pelos edificios que lhe pertenciam. Os templos da Fortuna e da Concordia, erguiam-se junto do Capitolio, no sitio mais proximo da tribuna dos discursos oratorios, a qual estava collocada no canto do Forum.

O Tabularium, onde os archivos occupavam o Intermontium. Proximo estava o arco de Septimo Severo. A Via Sagrada, que se distinguia pelas columnas triumphaes que a guarneciam de ambos os lados, estendiam-se até ao arco de Septimo-Severo ou de Fabius, que já não existem. Occupava o angulo direito, no primeiro plano, o templo de Antonino e Faustina. A Basilica de Paulo Emilio está exactamente por baixo.

O Erario, ou thesouro publico, achava-se collocado á direita da Via Sagrada, dirigindo-se para o Capitolio. Este grupo de edificios ficava coroado pelo templo de Jupiter Capitolino, que contemplava este grandioso aspecto, o qual nos offerece uma ideia de como seria a magnificencia de Roma antiga; e a magestade como que a sua arte monumental sabia ornar os seus soberbos monumentos!

(Continúa)

POSSIDONIO DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

CORVACEIRAS

Temos no nosso paiz muitos povos, casaes e sitios, denominados, *Corvaceira*; taes são os seguintes:

Corvaceira — a minha terra natal — pequeno povo situado na margem esquerda do Douro, mesmo em frente da *estação do Molledo*, — povo pertencente á freguezia da Penajoia (*a terra das cerejas!*...) concelho de Lamego.

Corvaceira — povoação da freguezia de S. Thomé de Negrellos, concelho de Santo Thyrsó.

Corvaceira — povoação da freguezia de Santa Eufemia de Prazins, concelho de Guimarães.

Corvaceira — povoação da freguezia de Chão de Tavares, concelho de Mangualde.

Corvaceira — povoação da freguezia de Cadafães, concelho d'Alemquer.

Corvaceira — povoação da freguezia, villa e concelho de S. Pedro do Sul.

Corvaceira — casal da freguezia de Treixedo, concelho de Santa Comba-Dão.

Corvaceira — casal da freguezia de Folhada, concelho de Canavezes.

Corvaceira — casal da freguezia do Castello, concelho de Coura.

Corvaceira — quinta do alto Douro na freguezia e concelho de S. João da Pesqueira.

Corvaceira — sitio muito vistoso com uma capella de Santa Barbara, no antigo castello da villa e freguezia de Marialva, concelho da Meda.

Corvaceira — sitio muito vistoso da freguezia de Poyares, concelho da Regua.

Corvaceira — sitio (monte) no antigo termo da villa de Paredes da Beira, mencionado no foral que D. Fernando I, de Leão e Castella, deu á mencionada villa, no anno de 1035.

Corvaceira — sitio da freguezia de Carrazedo de Montenegro, concelho de Val Passos.

Corvaceira — casa commercial importante na freguezia, villa e concelho do Dondo, provincia de Loanda, fundada por Albino Rodrigues Cardoso Corvaceira, da familia Corvaceiras, d'Armamar.

Corvaceira pequena — sitio da freguezia de Mouços, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes, mencionado no foral que D. Sancho II deu em 1223 a Sanguinhedo, hoje simples aldeia da mencionada freguezia.

Corvaceira grande e Corvaceira pequena — sitios mencionados no foral que D. Affonso III, estando em Lamego, deu em 1254 a Penunchel, na terra de Panoias, hoje districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

Corvaceira grande e Corvaceira pequena — sitios mencionados no foral velho (sem data) do Castello de S. Christovam (hoje talvez Parada de Cunchos) na mesma terra de Panoias.

Corvaceiras (no plural) — povo da freguezia de S. João d'Ayrão, concelho de Guimarães.

Corvaceiras — sitio da freguezia de Rebordões, concelho de Ponte de Lima.

Corvaceiras — sitio da freguezia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras.

Corvaceiras grandes e Corvaceiras pequenas — aldeias da freguezia de Payalvo, concelho de Thomar.

Temos tambem no nosso paiz, sete aldeias e duas quintas com o nome de *Corveira*; duas aldeias e um sitio com o nome de *Corveiros*; cinco aldeias, tres casaes, quatro quintas, uma herdade e um sitio com o nome de *Corvo*; uma aldeia, tres casaes, uma quinta, uma herdade e dois sitios com o nome de *Corvos*, e varias aldeias, casaes, quintas e sitios com os nomes de *Corva*, *Corvacho*, *Corval*, *Corvas*, *Corvel*, *Corvela*, *Corvete* e *Corvite*.

*
* *

Supponho que todas estas povoações, casaes, quintas e sitios, tomaram o nome dos cervos que ali em outras eras abundavam, como das corujas tomaram o nome as povoações denominadas *Coruja*, *Corujaes* e *Corujeira*, bem como *Cerveira* dos cervos, *Coelheira* dos coelhos, *Raposeira* das raposas, *Lobeira* dos lobos, *Zebreira* das zebras, *Formiga*, *Formigal* e *Formigueira* das formigas, *Colmeal* e *Colmeeiro* das colmeias, *Lagarteira* dos lagartos, etc., mas *quantum mutatus ab illo?*...

Com a invasão dos barbaros do norte, com as guerras entre elles e os romanos e depois entre os barbaros, uns contra os outros, até que os godos ficaram senhores de toda a peninsula; — com a invasão dos mouros no seculo VIII e com as diuturnas guerras entre mouros e christãos; depois com as guerras civis dos mouros contra os mouros e dos christãos contra os christãos, Portugal e a peninsula ficaram quasi desertos! O que abundava eram brenhas, lobos, ursos, javalis, aguias, corvos, serpentes, lagartos e outras aves e feras; mas com o volver do tempo e da paz, com o augmento da população e progresso da agricultura as coisas felizmente mudaram e a bicharia vae desaparecendo.

Os ursos que outr'ora abundavam no nosso paiz, nomeadamente em Traz-os-Montes, como se deprehende dos *foraes velhos* d'aquella provincia, já desapareceram, bem como as zebras; as corças e os veados estão quasi extinctos; os lobos já não aterram ninguem e poucas victimas fazem. Só se encontram nas grandes serras e mesmo ali não abundam; — fogem, escondem-se e apenas de noute vão bater monte em cata d'alguma pobre ovelha desgarrada, para saciarem a fome.

Quando a *Expedição scientifica* esteve em agosto de 1881 na serra da Estrella, não pôde lóbrigar nem obter um lobo durante os 15 dias que ali passou, posto que era muito numerosa — tinha á sua disposição um destacamento de soldados, muitos guias e caçadores — visitou os recessos mais escabrosos da montanha e offerecia 4:500 réis por um exemplar qualquer dos taes bichos.

As formigas também já se supportam, posto que antigamente foram entre nós uma praga que exterminou *povoações inteiras!*

As cobras e os lagartos vão desaparecendo também, posto que ainda abundam em alguns sitios, nomeadamente no alto Douro, depois que a phylloxera destroçou os vinhedos e se acha inculta a maior parte d'aquella região, que já foi de *ouro* e agora parece o *valle da morte!*...

Tambem quando em julho de 1880 visitámos o alto Alemtejo, com surpresa vimos entre o Crato e Niza muitos lagartos passeando *francamente* na estrada nova a macadam, sem se importarem com a diligencia. Apenas se desviavam d'ella, mas não se escondiam nem fugiam da estrada.

Os córvos ainda hoje abundam em alguns pontos do nosso paiz, nomeadamente em volta de Leça da Palmeira e Mattosinhos, mas já não ha memoria d'elles em muitas povoações que tomaram d'elles o nome, como na minha terra natal — a *Corvaceira* da Penajoia, porque toda aquella vasta freguezia é muito povoada, muito mimosa e muito bem agricultada. Parece um vasto jardim e como *jardim* é considerada no Douro.

Não tem um palmo de charneca ou de terreno inculto, comprehendendo cerca de 6 kilometros em quadro — e é toda povoada de arvoredo fructifero, nomeadamente *cerdeiras*, pelo que a denominam *terra das cerejas*; mas n'ella abundam também laranjeiras, pereiras, macieiras, figueiras, ameixoeiras, damasqueiros, castanheiros, etc. — produz muito milho, batatas, hervagens e hortaliça, e a sua producção dominante é *vinho*, todo de embarque.

Antes da invasão phylloxerica produzia cerca de 2:000 pipas por anno. Em 1840 produziu ella — a *terra das cerejas* — 1884 pipas de vinho — e actualmente ainda produz cerca de 1:000!...

É a freguezia mais vasta, mais rica, mais mimosa e mais populosa do concelho de Lamego.

Tem cerca de 800 fogos e de 3:500 habitantes, divididos por muitas povoações, uma das quaes (*S. Gião*) tem 180 fogos e 750 habitantes.

A minha *Corvaceira* é uma das mais pequenas, pois tem apenas 30 fogos, mas em compensação é das mais mimosas, por estar á beira do Douro. Nunca viu a neve e está toda cercada de luxuosos vinhedos e arvores fructiferas, nomeadamente laranjeiras, cujos pomares são um *viveiro de rouxinolos*.

Eu vivi lá muito tempo sem saber o que eram *córvos*, nem ali jámais alguém os lobrigou. Vi os primeiros nas margens do Leça, quando já contava 13 annos.

A povoação é pequena, mas muito antiga!

O seu nome de *Corvaceira*, terra dos *córvos*,

está dizendo que vem do calamitoso tempo em que as margens do Douro eram brenhas incultas.

Porto e Miragaya, 1890.

O Socio

PEDRO AUGUSTO FERREIRA.

SINGULAR DESCOBRIMENTO E UTIL ADVERTENCIA

Desejando que seja conhecido um singular descobrimento archeologico que fiz na nossa terra, para que se possa a todo o tempo, depois do meu fallecimento, averiguar a importancia historica e archeologica de semelhante achado e obter mais positivos dados, sobre a grandeza da cidade de Nabancia.

Quando eu já tinha posto a descoberto uma grande parte do terreno, no sitio de Marmelaies, nas cercanias da cidade de Thomar e propriedade de Cesar Augusto da Motta, suppoz que a praça que havia achado, com as bases de columnas que decoravam os tres lados da mesma praça, deveria ligar-se a outras construcções, que talvez estivessem occultas debaixo de terrenos de uma outra propriedade rural, a qual ficava separada dos terrenos já explorados.

Com grandes difficuldades pude obter do dono d'essa outra propriedade licença para se fazer escavações, obrigando-me a satisfazer qualquer damno e deixar o terreno composto como estivesse d'antes. Alcancei essa permissão ás 11 horas danoite, no anno de 1885, por intervenção do sr. Joaquim Antonio Nunes, respeitavel dono da fabrica de tecidos junto á ponte de Thomar. Na madrugada do dia seguinte parti para Marmelaies, tal era o meu empenho de averiguar o que se descobriria n'aquelle terreno. Eu tinha os trabalhadores empregados nas minhas investigações archeologicas, dividi-os em tres turnos e sem ter o *mais insignificante indicio* sobre o novo terreno a explorar para achar vestigios de remotas construcções, mandei-oscollocar em tres logares e na direcção recta central da Praça Passaram-se algumas horas quando na profundidade de 1^m,46, se descobriu na direcção central da referida Praça *uma estrada de calcetamento romano!* e nos outros dois lugares que havia indicado, em cada um, *uma muralha da largura de um metro*, estando parallela á calçada romana, já encontrada!!! Ainda existem pessoas que viram este surprehendente achado! Pode-se pensar qual seria o meu contentamento? Mas a nossa existencia está sempre exposta a dissabores!

N'esse mesmo dia, ao fim da tarde, appareceu no local o dono da propriedade e sem haver nenhum motivo de queixa! embargou o proseguimento da exploração. Por mais que eu instasse não consegui continuar o trabalho, e para mais certeza

collocou uma pedra como signal da sua prohibição, modo accete em juizo no campo!

Mandei cobrir tudo como estava d'antes e collocar tres pequenas estacas no extremo da Praça, no primeiro terreno explorado, ficando cada uma para indicar a direcção em que se fizeram as explorações no terreno separado pela propriedade citada, como memoria d'aquelle extraordinario descobrimento, e poder-se depois continuar essa investigação.

N'este anno, 1890, julguei acertado deixar mais positivamente marcado o logar dos tres vestigios archeologicos encontrados, e para esse fim mandei pintar tres rotulos em zinco, ficando firmados sobre grandes estacas, postas nos logares que havia designado, tendo as do centro o rotulo seguinte: *N'esta direcção ha uma estrada de calçada romana*. Nas outras duas estacadas lateraes outros letreiros declarando: *N'esta direcção ha uma muralha romana*; para que de futuro se possa continuar essas interessantes investigações.

POSSIDONIO DA SILVA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 11)

Fecho da abobada. No XII seculo tinham principiado a ornar com esculpturas os fechos da abobada. Estes primeiros fechos esculpidos representavam Jesus Christo deitando a benção, o Cordeiro Divino, Nossa Senhora, os anjos, os animaes symbolicos dos evangelistas, santos, e muitas vezes tambem carrancas ou animaes phantasticos. Nas abobadas dos edificios de segunda ordem contentavam-se algumas vezes com indicar um simples florão ou entrelaços.

No XIII seculo o emprego dos fechos de abobadas com esculpturas veio a ser geral, sendo representados nas abobadas do côro, Jesus Christo, o Cordeiro Divino, os symbolos dos evangelistas e outros objectos religiosos. Na nave principal e nas lateraes a ornamentação distingue-se por ser vegetal. Os fechos de abobada no XIV seculo, e tambem na primeira metade do XV seculo, apresentavam bastantes vezes a mesma decoração que a do XIII seculo; todavia na sua esculptura vegetal ha os caracteres proprios da ornamentação de cada um d'estes seculos. No XV seculo, os brazões dos bemfeitores da egreja são esculpidos frequentemente sobre os fechos da abobada.

No final do XV seculo, apparecem os fechos da abobada ornados de um appendice que recebeu o nome de *pendente*, que ficou em uso durante uma parte do XVI seculo imitando stalactites que estão

suspensas das superficies superiores das grutas. Algumas vezes tem o feitio de um florão ou um ornamento extravagante; outras representa uma estatua pegada á abobada.

Muitas vezes os fechos da abobada são furados por um buraco circular, para se poder içar os sinos e outros objectos acima das abobadas: como havia dois oculos na abobada da egreja de Bellem indicando não sómente essa applicação, mas que o edificio *deveria ter duas torres*: todavia, construíram modernamente um torreão colossal, que esmaga aquelle monumento, e não respeitaram o que fôra projectado na sua primitiva edificação!

Arcos butantes. Chama-se *arcos butantes* aos arcos destinados a transportar até aos contrafortes exteriores o esforço lateral das abobadas mais elevadas de um edificio. Nasce dos contrafortes e apoiam-se sobre as paredes da nave principal nos diferentes pontos onde vão coninar os resultantes dos *encostes* dos arcos ogivales e dos arcos-duplos.

Já explicámos os dois systemas empregados durante o periodo roman para contramurar o esforço lateral produzido pelas abobadas superiores sobre as paredes altas das egrejas em que a abobada principal é muito mais alta que as outras das naves inferiores, e notámos os inconvenientes que resultavam de uma e de outra applicação. Estes dois systemas foram em pouco tempo abandonados, primeiramente porque a nave principal ficava sem claridade, sobretudo nos edificios de maior largura, e em segundo logar porque, n'um como no outro systema, as abobadas das naves lateraes, precisavam de ser muito altas para attingir o ponto onde se effectuava o encontro combinado das nervuras das abobadas altas. Raciocinadores dispostos a sujeitar tudo aos principios dos architectos do XII seculo e do XIII seculo, conheceram que os semicirculos das abobadas em berço contiguo, do qual alguns dos seus antecessores se tinham servido com o fim de neutralisar o esforço lateral das abobadas altas, não era necessario na sua fórmula completa, e que se obtinha o mesmo resultado applicando sobre a parede exterior do edificio no ponto onde viesse dar a resultante dos encostes, um arco partindo de um contraforte exterior: foi esta combinação que deu origem aos arcos-butantes.

Para que satisfaça á sua applicação deve o arco-butante: 1.º, ter as juntas das peças de sua construcção *normaes* ou perpendiculares á curva por elle descripta; 2.º, ficar o seu vertice sobre a parede exterior no ponto onde passe a resultante do esforço da abobada. Esse ponto acha-se entre o nascimento das nervuras ou arcos ogivales e perto

da metade da altura da abobada. Em theoria esse ponto é um ponto geometrico; todavia na pratica é preciso que a summidade ou cabeça do arco-butante seja larga; prim iro porque é impossível, na execução, determinar de uma maneira exacta a direcção da resultante dos differentes esforços das abobadas; depois porque a direcção d'esta linha pôde facilmente desviar-se em resultado de ter dado de si nos pontos de apoio verticaes, effeito que acontece frequentemente nas grandes construcções medievaes cujos pontos de apoio são delgados e supportam uma pesada carga.

Os arcos-butantes são geralmente reforçados, no seu *extradoz*, por um encosto em linha recta, construido em cantaria. O espigão d'este encosto é muitas vezes ornatado de *crochets*.

Desde o final do xii seculo e no principio do xiii seculo, os arcos-butantes vieram a ser de uso geral em todos os grandes monumentos religiosos, cuja nave principal era mais alta que as naves lateraes. Os mais antigos são geralmente formados por um quarto de circulo. Depois a curvatura veio a ser menos curva, approximando-se da linha recta.

Empregaram tambem desde os primeiros annos do xiii seculo, arcos-butantes *duplos*, isto é, dois arcos-butantes collocados um por cima do outro.

Os arcos-butantes foram empregados durante todo o periodo ogival; todavia eram menos usados durante a ultima metade do xv seculo. Em muitos monumentos d'esta época, mesmo os mais principaes, julgavam-se sufficientes os contrafortes muito massigos e salientes para diminuir o esforço das abobadas.

Quando no principio do xiii seculo collocaram por baixo do madeiramento um canal para receber as aguas da chuva, dirigiam as aguas do telhado principal para os contrafortes exteriores por um canal de cantaria posto sobre o capello do arco-butante. As aguas passavam atravez no cimo dos contrafortes, e eram depois lançadas fóra por gargulas, caindo afastadas da base do monumento. As infiltrações causadas pela passagem das aguas sobre o capello dos arcos-butantes, e atravez dos contrafortes, produziram damnos tão consideraveis nas construcções que ficou em pouco tempo abandonado este systema de dar escoante ás aguas da chuva.

Contrafortes Durante os primeiros annos do periodo ogival, os contrafortes dos edificios de abobadas foram demasiadamente engrossados e tiveram bases bastante salientes; á proporção que se elevavam assim, iam diminuindo consideravelmente por grandes resultados successivos sobre cada uma das faces.

No meiado do xiii seculo, os contrafortes fi-

cam mais regulares, erguem-se quasi verticalmente da base á extremidade, superior, e não apresentam já por cima do envasamento um ou dois resaltos bastante pequenos e sómente sobre a face principal.

Estes contrafortes terminavam por uma face chanfrada que ia ter até á cornija, e muitas vezes eram de fórma abahulada, quando ficavam isolados ou excediam a base do madeiramento. Nos monumentos principaes limitavam-se algumas vezes a pôr pinaculos e ornavam as suas faces lisas de arcaduras e estatuas postas sobre misula, tendo docel.

No xv seculo a fórma dos contrafortes ficou quasi a mesma que durante a ultima metade do seculo precedente. Tinham a sua extremidade, como d'antes, quer em pinaculos e fórma abahulada, quer ficando os pinaculos assentes sobre base quadrada ou octogona, terminando por agulhas pyramidaes, cujas arestas estão ornadas de *crochets*.

Os contrafortes do xv seculo semelham se ainda muitas vezes aos dos dois seculos precedentes. Como estes, apresentam, de distancia em distancia, diminuição de grossura pouco apparente sobre a sua face anterior, e são ornados de arcaduras, nichos e docéis, ornamentação no gosto da época. Todavia, desde o fim do xv seculo, principiaram a modificar algumas vezes a sua disposição; regularmente deixaram subsistir a base quadrada ou rectangular, tendo a face anterior parallel a e as duas faces lateraes perpendiculares com o liso da parede; porém, a certa distancia acima do solo (ao primeiro ou segundo resalto), a face anterior, parallel a á parede, passa a ser angular; mesmo ás vezes se vêem contrafortes cuja face anterior fica angular á parede desde a base do edificio. Estes contrafortes com lados chanfrados, acabam como todos os outros, por um plano inclinado, plataforma ou espigão de feiti abahulado, ou por um pinaculo bastante ornado.

No xiii e no xiv seculo, os contrafortes collocados no ponto de intersecção de paredes que se encontram em angulo recto, são sempre em numero de dois. No xv seculo, julgavam ás vezes ser sufficiente um unico contraforte collocado de maneira a fazer face ao angulo; sendo estes contrafortes angulares muito communs nos edificios d'esta época.

Por causa do excessivo esforço lateral que produzem sobre os seus pontos de apoio, as abobadas ogivales necessitavam o emprego de contrafortes com base de bastante largura. Nos monumentos dos primeiros annos do periodo ogival, esses contrafortes, que tem tres de suas faces inteiramente livres, apresentam saliencias grandes sobre as pa-

redes exteriores dos edificios. Estas sacadas desagradaram em pouco tempo aos constructores, que cogitaram em as diminuir ou fazel-as desaparecer inteiramente disfarçando os contrafortes. Para esse fim recuaram até á parede mestra a divisoria que havia antes na nave lateral, aproveitando na parte interna do monumento o espaço de um rectangulo que communicava com a extremidade da nave lateral e servia ás vezes de capella.

Nos edificios do periodo ogival, cobertos por simples fôrro do tecto, de madeira, os contrafortes tinham pequena sacada sobre o liso das paredes.

Gargulas. Dá-se o nome de *gargulas* aos canaes salientes pelos quaes as aguas da chuva saem dos telhados e são lançadas longe da base das paredes dos edificios. Teem quasi sempre a configuração de animaes monstruosos e phantasticos, e raramente a figura humana. Admira-se, n'estas esculpturas, uma variedade prodigiosa, e seria difficil de achar duas do mesmo feitio, todavia a maior parte dos edificios ogivaes apresentam um grande numero. N'este genero ha duas no nosso paiz bastante exquisitas, uma no angulo da cimalha da egreja de Coimbra, na capella mór, voltada para o norte da fronteira do paiz, estando a figura humana revirada, isto é, em posição dobrada, com a cabeça para o lado do telhado e a parte trazeira do corpo para fóra do edificio, e é pelo anus que saem as aguas da chuva: no castello de Pombal ha outra com a figura de mulher na mesma attitude, saindo a agua da chuva pelo que distingue o seu sexo. Eram de proporções curtas e solidas no principio da sua applicação; vieram a ser mais compridas e com melhores fórmulas desde o final do xiii seculo.

Nichos e doceis. Dá-se o nome de *nichos* a qualquer espaço aberto, mais ou menos profundo, feito na grossura de uma parede, pilar ou contraforte, para n'elle se collocar uma estatua, um grupo, um vaso, um qualquer objecto de decoração. Os nichos apparecem poucas vezes nos monumentos do xiii e xiv seculos; n'essa época as estatuas, com as quaes ornavam ás vezes certas partes dos monumentos, eram postas sobre misulas salientes, tendo doceis egualmente salientes sobre a face das paredes.

No xv século, o uso dos nichos vem a ser mais geral; vêem-se bastantes vezes no exterior dos monumentos, sobre as fachadas, nos contrafortes e nos tympanos dos portaes.

Os doceis, isto é, os remates salientes, mais ou menos ornamentados de esculpturas, ficando collocados por cima da cabeça das estatuas, são muito geraes desde o final do periodo roman. No xii e

no xiii seculos, esses doceis primitivos representam quasi sempre edificios, fortalezas, e mesmo algumas vezes cidades inteiras cercadas de muralhas. Não havia ainda n'esta época, por cima, pinaculos ou pyramides delgadas, posto que em certas partes do centro da França, as tiveram desde o meiado do xiii seculo, sendo terminadas por *clochetons*. As fórmulas architectonicas dos edificios representadas pelos doceis são muitas vezes anteriores á época em que foram esculpidos; é por isso que no xiii seculo apparecem n'elles zimbórios, arcos de volta inteira, etc., que todavia não se vêem já nos monumentos contemporaneos.

No xiv seculo, os doceis mudam totalmente de aspecto, cobrem-se de arcaduras com ornamentação e com outros detalhes imitados da architectura; teem geralmente por cima vistosos pinaculos, muitas vezes vasados.

No xv seculo, apresentam quasi as mesmas fórmulas que no seculo precedente, porém exaggeradas; sendo os doceis contornados demasiadamente, e a sua ornamentação feita com muita delicadeza.

Madeiramento. Distinguem-se, nos edificios do periodo ogival, duas especies principaes de madeiramentos: os que não ficavam apparentes, porque não revestiam as construcções abobadadas, e os apparentes que se empregavam nos edificios que não tivessem abobadas, sendo estes que interessam sobretudo aos archeologos.

Quando os madeiramentos ficam apparentes, isto é, visiveis no interior do edificio, apresentam sempre o aspecto de uma abobada de forma de berço. Este berço é algumas vezes semi-cylindrico, semelhante aos que se encontram em algumas egrejas romans; as mais das vezes, todavia são traçados por tres centros. *Ripas* de carvalho, ou de qualquer outra especie de madeira, tendo as juntas sobrepostas, são pregadas sobre as *cambotas*, circulares ou ogivaes, formadas pelas *asnas* e *varedo*. Tendo pinturas por decoração, e algumas vezes as extremidades das peças de madeira ficam visiveis, tendo esculpturas, que representam anjos com escudos ou phylacterias, cabeças de gente, figuras de cores com carranca, ou animaes phantasticos. Muitas vezes as nervuras ou as *franquias* ficam parallelas ás nervuras das *asnas*, porém sendo mais estreitas, estão pregadas sobre o *varedo* e sustentam no seu lugar as ripas. Estas nervuras são cobertas com vivas côres ou com elegantes entrelaçados.

Algumas vezes tambem são assentes sobre as ripas, as nervuras que se encruzam do mesmo modo que os arcos diagonaes ou as ogivas das abobadas de cantarias.

As abobadas cobertas de gesso, taes como as constroem os architectos modernos na maior parte das novas egrejas ruraes, eram inteiramente desconhecidas durante o periodo ogival. Quando a verba de que dispunham não lhes permittia o estabelecer abobada de alvenaria, serviam-se do madeiramento apparente, que se ornava tão artisticamente quanto fosse possível. Nunca se empregavam pueris dissimulações, fingimentos architecturaes onde as *ripas* appareciam a imitar a cantaria com a capa desprezível de gesso ou de argamassa! Não se esquecia n'esta época, que a verdade é a condição essencial da existencia da arte; esta deve engrandecer o espirito, encantar a vista, e não enganar-a.

Telhados. No meiado do xii seculo, os telhados teem grandes inclinações dos edificios da Europa Central e Septentrional; enquanto nos paizes meridionaes conservam pequena correnteza, como se praticava nos telhados da antiguidade e no periodo roman.

Cobriam-se os madeiramentos com chumbo, cobre, ardozia e telhas. As grandes cathedraes e aos edificios mais importantes punham chapas de chumbo ou de cobre, por tal maneira, que podiam, sem alterar a sua superficie, dilatar-se ou encolher-se, conforme fosse a temperatura.

Cumieira e cimeira. Dá-se o nome de *cumieira* ao remate do espigão de um edificio. Durante o periodo ogival este remate era de metal (quasi sempre de chumbo), de barro cosido ou de cantaria. As *cimeiras* são telhas que formam uma cumieira; eram de barro de cozedura.

O maior numero dos grandes monumentos da idade media tinham d'antes por remate cumieiras nos madeiramentos, egualmente recortadas, imitando quasi sempre folhagens. Infelizmente são poucos os edificios do xiii e xiv seculos que conservam esse ornato primitivo. De todas as cumieiras de chumbo anteriores ao xv seculo (e eram as mais em uso n'essa época) já não ha vestigios: a oxydação do metal e muitas outras causas de destruição as têm feito desaparecer.

Nos paizes onde a telha foi empregada para cobrir os edificios, como, por exemplo, na Borgonha, as cumieiras dos madeiramentos compunham-se de uma continuação de cimeiras de barro de cozedura, mais ou menos ornado. Uma capa esmaltada e envernizada ao fogo tinham sempre estas cumieiras para se tornarem menos permeaveis á humidade.

Desde o xi seculo o emprego das cumieiras de pedra veio a ser geral no meio dia de França. Encontra-se ainda hoje n'este paiz um grande numero de cumieiras dos periodos roman e ogival, as quaes escaparam á sua destruição. As mais antigas apre-

sentam enlaçamentos e figuras geometricas; as que pertencem ao xiv e xv seculos são compostas de ornamentação com remate de folhagens, como ha na igreja de Belem.

Torres e campanarios. Do mesmo modo que no periodo roman os campanarios da época ogival são compostos de dois ou mais andares sobrepostos. A separação dos differentes andares é indicada no exterior, quer por um resalto saliente, quer por uma pequena diminuição de grossura no andar superior sobre o inferior. Estes andares não teem já como precedentemente, a mesma altura; são baixos ou altos, conforme as disposições internas dos campanarios. O rez-do-chão das torres é geralmente construido sobre um plano quadrado; mas no primeiro ou no segundo andar e as mais das vezes sómente no principio da flecha o plano vem a ser octogono. Os espaços triangulares, que ficam livres nos angulos do quadrado, pela passagem da fôrma de quadrado para octogono, apresentam quasi sempre quatro pinaculos ou colchetões.

As frentes das torres teem aberturas dos differentes andares, janellas estreitas ogivales, muitas vezes geminadas, sendo raro estarem separadas ou reunidas em tres vãos.

Desde o principio do periodo ogival, os campanarios acabavam por flechas construidas de madeira ou de cantaria, com muita elevação, tendo a fôrma de uma pyramide com oito lados eguaes. Já no xiii seculo, as arestas das flechas de pedra e os pinaculos collocados na base do octogono estão por vezes ornados de distancia em distancia, por crochets vegetaes; no xiv seculo principia-se a vasar os lados das flechas, fazendo-se pequenas aberturas do feitio de flor de trevo, ou quatro folhas e com florão. No xv seculo essas ornamentações são substituidas por feitios de chamma e por outras figuras geometricas vasadas. No final do xv seculo e no principio do seculo seguinte, construíram-se, em muita parte, os campanarios com flechas rendilhadas.

Muitos campanarios mais importantes, de grandes proporções, ficaram por concluir desde a base da flecha projectada, e ás vezes ainda mais abaixo. Algumas vezes tambem, as flechas da primitiva construcção, depois de terem sido destruidas por uma tempestade ou incendio causado pelo raio, foram substituidas por corpos simples ou remates hybridos, que não teem nada de commum com as lindas pyramides da época ogival.

No xiv e no xv seculos, muitos campanarios teem na base da flecha uma platibanda vasada, composta de arcaduras ou com feitios chammejantes.

A maior parte das egrejas ogivales de segunda e terceira ordem tinham campanarios de uma extraordinaria simplicidade, cujo effeito é agrada-

vel e mesmo admiravel, se reflectirmos na pouca resistencia dos meios empregados para a execução. Estes campanarios, sem nenhum ornato, compunham-se de dois andares quadrados, dos quaes o superior só tinha as quatro frentes com janelas geminadas ou com tres aberturas, servindo para sair o som do sino. Uma flecha octogona limita a sua extremidade.

Os constructores da idade media comprehendiam que sobretudo nos edificios de menor importancia, as combinações geraes mais simples eram as unicas mais acertadas para produzirem um aspecto monumental.

Em Flandres maritima tem-se conservado até ao presente um grande numero de campanarios ogivales de segunda e terceira ordem, dignos de chamar a attenção dos archeologos e dos architectos; encontram-se alguns muito bellos até nas modestas freguezias do campo. Estes campanarios, construidos com tijolos, como todas as outras partes dos edificios d'este paiz, são geralmente terminados por uma flecha octogona tambem de tijolos, muitas vezes tendo quatro pinaculos nos angulos da sua base; as arestas da flecha e dos pinaculos são quasi sempre decoradas de crochets egualmente com tijolos. As plantibandas que ligam ent.e si os pinaculos são cheias, pouco altas e ornadas com arcaduras fingidas. Uma outra particularidade que apresentam alguns campanarios de Flandres maritima, é inclinarem-se um pouco para o lado oeste, que se suppõe ser um facto intencional do architecto para fazer resistir melhor contra os ventos d'este quadrante que sopram com extrema violencia á beira mar.

Muitas egrejas monasticas, e algumas vezes tambem as parochias, teem um campanario collocado quer na extremidade da capella mór, quer em um dos dois angulos formados pela intersecção da capella mór e do cruzeiro. Esta disposição é bastante geral nas egrejas ruraes na Baviera e na Austria. As abbadias preferiam esta collocação afim de que os frades incumbidos de darem signal pelos sinos para as ceremonias religiosas não fossem obrigados a afastar-se da egreja.

Os constructores romans construíam muitas vezes um campanario no lugar da intersecção da nave e do cruzeiro. Na Inglaterra e na Normandia, estes campanarios centraes conservam-se durante o periodo ogival; por toda parte, fóra d'isso, são raros desde o xiii seculo, e muitas vezes foram substituidos por simples campanariosinhos de madeira. Na Belgica, encontram-se por vezes campanarios centraes de cantaria, porém de resumida dimensão, nos edificios do periodo de transição.

As *escadas dos campanarios* e tambem as que servem em outras partes dos monumentos para

subirem aos madeiramentos, são geralmente de caracol com centro cylindrico ou octogono. Estas caixas das escadas, collocadas no exterior do edificio nos angulos formados pela saliencia dos contrafortes, nunca são dissimuladas, mas visiveis, facilitando as seteiras que estão abertas darem luz á escada.

Durante o periodo ogival, collocavam quasi sempre *cruzes de ferro batido* no cimo das flechas dos campanarios, na extremidade do espigão do côro por cima da abside, e algumas vezes tambem sobre os espigões do cruzeiro. Estas cruzes distinguem se geralmente por uma composição de bastante trabalho. As cruzes dos campanarios são quasi sempre encimadas por um gallo servindo de catavento. Primitivamente este adorno encontrava-se sobre as torres das egrejas parochiaes ou dos capitulos apenas. O gallo collocado no cimo da egreja symbolisa a imagem dos pregadores; pois o gallo vela durante a noite escura e assignala as horas pelo seu canto, faz despertar aquelles que dormem, e annuncia a aurora que se aproxima; mas antes d'isso, elle se excita a si mesmo a cantar, dando ás azas.

Pavimentos. Os pavimentos romans eram compostos com mosaicos. Nos paizes meridionaes esses mosaicos foram formados de marmores differentes. Tanto em França como na Belgica, Alemanha, Inglaterra e Portugal eram compostos de ladrilhos esmaltados ou de lagedo gravado e com embutido egualmente de côres diversas. Os ladrilhos e os lagedos gravados continuaram a ser empregados nos pavimentos dos edificios ogivales na Europa Occidental e Septentrional.

Esses pavimentos eram ora de uma grande simplicidade, ora esplendidos. Poucas vezes o chão todo das egrejas estava coberto por bellos mosaicos; em geral não se adoptou este genero de decoração senão para a capella mór e para as capellas do corpo da egreja, porque nas naves, onde todas as pessoas são admittidas indistinctamente, o roçar do calçado em pouco tempo teria destruido o verniz do ladrilho ou o lagedo com gravuras.

Como já explicámos, o amarello e o verde-escuro são as côres preferidas no final do periodo roman, nos pavimentos de ladrilho do Norte e Oeste da Europa. No xiii seculo, substituiu-se muitas vezes a côr verde-escura, o encarnado e o avermelhado escuro, empregando-se o amarello para os embutidos. As côres carregadas e escuras deixaram de ser usadas nos pavimentos.

Os ladrilhos esmaltados são geralmente de pequenas dimensões, como havia no cruzeiro da egreja monumental do convento de Alcobaça, cujos ladrilhos estão agora *escondidos por baixo de sim-*

ples lagedo, na profundidade de 0^m,34 centímetros!

Quando os desenhos dos ladrilhos ficam completos sobre um só ladrilho, ou se completam em quatro e mesmo em maior numero de ladrilhos reunidos, formam regularmente figuras geometricas, braços, florões, animaes existentes ou phantasticos. Circulos, flores de liz, veados, aguias com duas cabeças, é o que mais frequentemente se vê.

No xiii e no xiv seculos, figuras de homens em pé foram algumas vezes representadas pela reunião de um certo numero de ladrilhos pintados. Estas effigies de personagens eram muitas vezes acompanhadas de letreiros, empregados nas campas de cantaria.

Durante o xiv e o xv seculos, os desenhos dos ladrilhos conservam quasi o mesmo character precedente, mas são menos vistosos e não teem o vigor das côres e o desenvolvimento que apresentavam os do xiii seculo. No xiv seculo, as ornamentações são muitas vezes substituidas por firmas, letras, inscrições, escudos, e mesmo pequenas vistas. Pelo mesmo tempo apparecem os tons verdes e azues-claros.

Nos edificios de segunda e terceira ordem, e tambem em algumas egrejas abbaciaes, principalmente da Ordem de Cister, fazia-se uso, durante o periodo ogival, de pavimento composto de ladrilhos de differentes côres, sem nenhum ornato.

Em alguns sitios fabricavam-se tambem ladrilhos sem ser esmaltados, apresentando figuras em relevo. Estes ladrilhos são muito raros, porque não se podiam fazer senão com barro muito rijo, para que os relevos não ficassem em pouco tempo gastos.

Lages gravadas e com embulidos. Desde o xii seculo, empregaram-se algumas vezes, para cobrir o chão das egrejas, lages de pedra e de marmore gravadas e com embulidos. Os desenhos dos ornatos eram indicados em parte pelos espaços conservados da propria lage, ou por um betume colorido que enchia as cavidades deixadas pela gravura. As lages d'este genero não foram muito communs, e um limitado numero escapou da sua destruição! Um dos mais bellos e mais completos é o que ornava a capella mór da cathedral de *Saint-Omer* (França), e do qual bastantes fragmentos se têm conservado até ao presente. Os fundos dos arabescos são de côr castanho-escuro, assim como a inscrição; os traços do contorno das personagens e do cavallo são a encarnado, assim como está representado em gravura o nobre cavalheiro, no meio d'essa composição, que é do meiado do xiii seculo.

Labyrinthos. Na antiguidade pagã designavam-se com o nome de *labyrinthos*, as galerias subterra-

neas ou os edificios construidos em cima do solo, com ramificações em grande numero e complicadas. Todos sabem da existencia do labyrintho de Creta, onde, conforme a mythologia, o Minotauro foi morto por Theseo. Durante a idade média o nome de labyrintho foi dado a uma disposição particular que se vê no pavimento de algumas egrejas dos periodos Latino, Roman e Ogival. A disposição, divisão e côr das lages, formam, pelas suas combinações, linhas sinuosas com bastantes voltas, todas para um ponto central. Os Romanos e os Gregos representavam já, por vezes, labyrinthos nos pavimentos em mosaicos ou sobre as paredes de seus templos e de suas habitações. Os labyrinthos que existem desde os primeiros seculos nas egrejas christãs, por exemplo, na de S. João Vidal de Ravana (Italia), que é do vi seculo, acharam, sem nenhuma duvida, a sua origem nos labyrinthos dos edificios pagãos. A presença da figura de Theseo combatendo o Minotauro, que se vê no centro dos labyrinthos de alguns monumentos christãos, como em Pavia e em Luca, dão uma prova evidente d'esta affirmacão. Os christãos introduzindo os labyrinthos nas egrejas, deram-lhes uma significação symbolica. Seria comtudo difficil, por não dizer impossivel, determinar de uma maneira irrefutavel o symbolismo dos labyrinthos nas antigas egrejas christãs.

Na idade média, parece ter-se reputado os labyrinthos como emblema da viagem á terra Santa, ou, segundo outras opiniões, o transitio doloroso de Jesus Christo desde a casa de Pilatos até ao Calvario. Indulgencias eram concedidas ás pessoas que os percorressem de joelhos, recitando as orações prescriptas. Os labyrinthos n'esta época eram tambem designados com o nome de *dedalo*, *meandro*, *caminhos de Jerusalem*.

A fôrma dos labyrinthos não é sempre a mesma, O de *Chartres* é circular; o de *Saint-Quentin*, octogono; taes eram tambem os de *Arrhas*, *Amiens* e *Reims*. Na igreja de *Saint-Bertin* em *Saint-Omer*, tinha a fôrma quadrada. Muitas vezes havia, ao centro e aos angulos do labyrintho, pedras com inscrição lembrando algum facto relativo á construcção do edificio. Em *Amiens*, por exemplo, a pedra central representava os architectos da igreja e o bispo *Évrard*, seu fundador, com os nomes dos personagens e a época da construcção, gravados sobre laminas de cobre embaidas na parede.

Pinturas das paredes. Já descrevemos os caracteres da pintura mural na época roman. Esses caracteres e o systema do colorido modificam-se de uma maneira evidente seguindo o desenvolvimento da architectura ogival.

Se o leitor tiver presente na memoria o que



Boletim
de Architectura
e
Archeologia

Esculptura
em Alabastro
da
Idade-media

fizemos notar a respeito do estylo ogival, da sua decoração esculpida e do seu systema de construção, comprehenderá facilmente que uma modificação notavel motivou tambem o colorido da decoração. Com effeito, nas construcções ogivaes os membros das paredes desapparecem, por assim dizer, e cedem o espaço para aberturas de janelas; os membros da architectura multiplicam-se e apresentam-se com grande evidencia; a vista examina sem custo a sua forma e os seus fins, desde a base da columna até ao fecho da abobada que reúne as nervuras da abobada. Além d'isso, as superficies das paredes, que não foi possível supprimir, ficavam com esses espaços divididos.

(Continúa.)

POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 94

Desejamos concluir a publicação do Tomo VI da 2.ª serie do *Boletim de Architectura e Archeologia* com a presente photographia representando um facto da paixão de Jesus Christo, esculptura de alto relevo em alabastro, que faz parte de exemplares raros pertencentes ao XII seculo, que estão expostos no Museu Archeologico da nossa Associação. Já no volume III n.º 5, publicámos outra photographia de igual estylo e do mesmo assumpto historico, que faz *pendant* á actual estampa. Ambas as esculpturas, producto da arte indiana, que se suppõe terem pertencido ao irmão de D. Vasco da Gama, fôram-me offerecidas pelo fallecido e meu chorado amigo Joaquim José Cecilia Koll.

A esculptura é do estylo Romã. Caracterisa-se pela maneira pouco correcta no desenho das figuras, mas muito notavel pela expressão do rosto que faz conhecer o verdadeiro sentimento da sua representação; merito que os esculptores do seculo XII, deixavam patentes em tantas obras d'essa época.

No tempo da formação do estylo Romã, a arte de esculptura estava quasi totalmente perdida. Os que primeiro tentaram manejar o cinzel esforçaram-se em reproduzir, melhor ou peor, as figuras humanas que precisavam executar; as produções d'estes artistas improvisados são imperfeitas, e grosseiras; porém prendem a attenção do observador pela maneira ingenua da sua execução.

No dominio das artes plasticas uma nova vida fez nascer uma florescente ornamentação nos edificios, porque o artista, lançando por assim dizer, pela primeira vez um olhar estudioso sobre a flora na qual a natureza prodiga tinha derramado encantadores thezouros aos seus pés, reconheceu todo o partido que a arte podia utilizar. Elle começa a

traduzir, servindo-se do cinzel, as folhagens das arvoredos dos bosques, assim como das plantas dos campos e dos jardins; não copiando servilmente a verdade, mas interpretando-a com um superior talento, achando exemplares para uma decoração esculptural tão desconhecida antes d'elle, digna de ser imitada pelas gerações futuras.

As observações feitas sobre a esculptura ornamental podem applicar-se, de um certo modo, á estatuaría. Pela primeira vez, o cinzel do artista se libertou das peias da arte hieratica que durante seculos tinham dado a lei em Byzancio; portanto o esculptor se encontra cara a cara com a natureza, e foi ao homem, seu irmão creado como elle á imagem de Deus, a quem pediu os modelos, os typos de suas inspirações, pois no periodo Romã elle apenas os tinha entrevisto atravez as tradições byzantinas.

Foi pois d'essas incorrectas obras de inhabeis esculptores da época Romã, que nasceu o progresso da esculptura, sendo portanto as composições d'essa época mais apreciaveis, porque são exemplares archeologicos de summo interesse para a historia da esculptura na idade média.

POSSIDONIO DA SILVA.

NOTICIARIO

A descoberta de um monumento em Copan (Honduras), o qual tem a estatua de *Tai-kia*, um dos symbolos mais venerados pelos chinezes, faz suppor que a America teria sido primeiramente descoberta por alguns navegadores chinezes, que foram parar áquella costa mil annos antes de Christo e dois mil e quinhentos annos antes de Christovam Colombo ter aportado á ilha de S. Salvador, pertencente ao Mexico.

Outro facto recente de se ter achado uma moeda de ouro chineza n'umas escavações que se estão fazendo no Perú, que tem pelo menos tres mil annos de existencia, mais confirma serem os chinezes os primitivos descobridores d'essa região.

A estatua de *Tai-ki*, que é entre os chinezes a essencia, o deus por excellencia, e a moeda de ouro, são duas das provas que militam a favor d'esta hypothese.

Descobriram-se em Pompea dois cadaveres humanos assim como tambem se fez a descoberta d'um loureiro com ramos e seus fructos, cujos bagos amadurecem no fim do outomno, o que prova que a erupção do Vesuvio deu-se em novembro e não em agosto como indicava Plinio nos seus manuscritos.

Nas escavações a que se está procedendo em Douklo (Doctea), dirigidas por um sabio russo, por ordem do principe Nicolau, descobriram-se uma enorme Basilica e varias inscripções.

Mr. Fartin apresentou ao Instituto de Paris, na secção das sciencias, um pequeno aparelho de extraordinario interesse que indicará com grande antecedencia quando haverá tempestades! Consiste n'um ponteiro de cobre suspenso por um fio sobre uma bobine de vidro na qual estão enrolados alguns kilometros de fio de ferro muito fino entalado entre duas folhas de estanho.

O aparelho está encerrado n'uma caixa de vidro, assente sobre supportes tambem de vidro, por fórma que o isolamento é completo.

O ponteiro é de extraordinaria mobilidade, executa movimentos diversos.

O sol gira sobre si proprio, como a terra gasta 23 dias n'aquelle movimento. As manchas do sol e os focos brilhantes, são produzidas pelos vulcões, os quaes lançam jactos de hydrogeno incandescentes á altura de trinta mil leguas, que se assemelham a nuvens roseas como o coral.

Quando um vulcão se manifesta, determina um movimento na Terra e na atmosphera, a mancha e a perturbação que tal produz, gira com o sol o que indica a tempestade, e se o phenomeno não terminou, haverá nova tempestade ao fim de 27 dias.

O ponteiro com as suas oscillações pequenissimas e diarias annuncia as desigualdades do calor e da luz.

Com as suas oscillações miudas e continuas annuncia os nevoeiros.

Com as grandes oscillações, annuncia as tempestades.

Todas estas previsões se fazem com dois ou tres dias de antecedencia.

Pela descoberta de tão curioso aparelho, recebeu Mr. Fartin merecidos louvores da scientifica academia.

O Governo francez deliberou para serem conservados os monumentos que foram construidos para a exposição nacional de 1889, para cujo fim foi determinado uma verba de oito milhões de francos.

Para a primeira exposição italiana de architectura em Turim, o concurso dos expositores é tão consideravel que foi preciso fazer divisões nas salas do palacio para haver maior superficie para se exporem os desenhos, e augmentarem o numero de medalhas para premios.

O rei Humberto remetteu á commissão organisadora uma medalha de ouro para ser conferida ao melhor expositor.

O precioso museu de Mariette, no Cairo, foi transferido de Boulacq para Gizeh. O palacio do museu é precedido de um bellissimo jardim, estando no centro o tumulo do fundador, o archeologo, Mr. Mariette.

O palacio de Gizeh está situado sobre a margem occidental do Nilo, a pouca distancia da cidade.

No rez do chão foram installados os grande monumentos e outros de menores dimensões; no primeiro andar está installada uma sala religiosa, tres outras civis e industriaes, seguindo-se as salas de historia, de desenho da ceramica, e objectos de mar-

fim e ouro. N'uma mesma sala os accessorios pertencentes ás mumias; e e em mais tres as memorias reaes, a secção de anthropologia e de numismatica.

Preparou-se uma nova sala no Louviteara serem, expostos os projectos dos insignes architectos francezes fallecidos. Entre esses fazem-se notar: «A decoração da sala real do palacio de Aranjuez» por Charles Percier; Grandes composições architetonicas de Fontaine, «Roma durante os Imperadores e Roma durante o Pontificado de Pio VI»; «O tumulo de Napoleão I» por Henry Cabronst; «Composições para a Cathedral de Paris» por Viollet le Duc; «Aguarella do Castello de Versailles», por Augusto Magne; uma composição de Bernim «A columnada do Zonore» e de Pedro Baltar o «Projecto para o Pantheon», etc.

As escavações do centro da Morêa em Megalopolis pelos inglezes na Escola de Archeologia de Athenas, fizeram descobrir um grande altar, no desentulho de um theatro, do portico por detraz tablado; de casas antigas. O altar tem a fórma de um rectangulo. Estava situado ao nordeste do theatro e entre este e o rio. A importancia d'esta descoberta é de subido apreço, pois não se havia achado outro em grandes dimensões e tão bem conservado.

Na Sociedade de Archeologia de Bruxellas, em assembléa geral extraordinaria do mez de Julho, Mr. Charles Lucas, architecto francez, expôz quanto em França, desde 1830, os monumentos antigos são salvaguarda dos com dedicado zelo afim de se evitar que a *picareta* dos modernos vandalos ou o *martello de pedreiro* dos maiores restauradores dos bellos monumentos d'arte dos seculos passados. Uma lei especial foi votada em 1887, e já tem produzido excellentes resultados.

Quando em Portugal se realisará, não com *palavras*, mas com *providencias efficazes* esta tão necessaria e urgente protecção?

Propôz mais o intelligente artista impetrar se dos governos que os educadores da infancia tivessem o cuidado de lhe inculcar o respeito pelos monumentos. Era esta uma *reforma a fazer* nos programmas dos estudos, que se deveria adoptar para que a nova geração não continuasse a praticar o vandalismo, que infelizmente tanto tem prejudicado as reliquias da historia e archeologia.

Um novo emprego da cortiça, aproveitam-se as rolhas velhas, reduzindo-as a pó de variada grossura; o pó *mediano* serve para formar um *cimento plastico* que misturado em uma certa proporção com gesso, produz um *staff* inferior, bom para ser applicado na decoração exterior, e tambem para os tectos de grandes superficies, e tabiques.

Serve igualmente na *pintura a cortiça* empregada no interior dos navios.

Fazem com esta massa tijollos e ladrilhos de todas as dimensões, que são d'uma extraordinaria leveza, e tambem máus conductores do frio e do calor assim como ternam os sobrados e os tectos absolutamente *silenciosos*, quando postos entre o vigamento de madeira ou de ferro.

Guimarães

THERMAS

Braga

FELICITAS JULIA

Collares

DOLMINS

Thomar

COLIPPO



COLIMBRIA

Leiria

MOSAICOS

Algarve

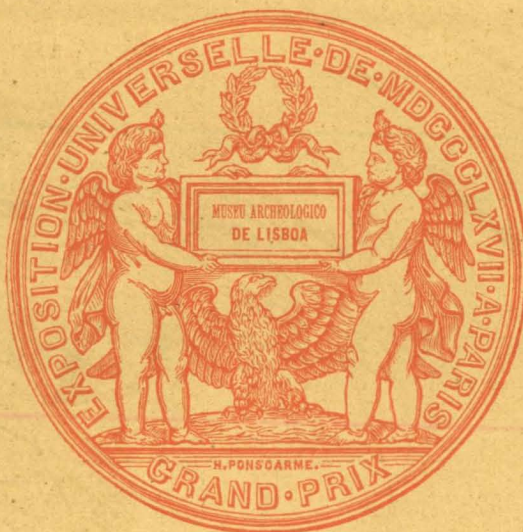
G. C. DE ARGOTE

L. M. D'AZEVEDO

MUSEU

DE

ARCHEOLOGIA



LARGO DO CARMO

EM

LISBOA

MDCCCLXVI

SALACIA

CETOBRIGA

Evora

TEMPLOS

Thomar

BRACHARA AUGUSTA

Condeixa

URNAS

Tavira

PRAESIDIUM JULIUM

Citania

CIPPUS

Olhavo

4204a,